

METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA DEFICIENTES AUDITIVOS: UM PROCESSO DE INCLUSÃO

ENVIRONMENTAL EDUCATION METHOD FOR HEARING IMPAIRED PEOPLE: AN INCLUSION PROCESS

Evandro Dias ⁽¹⁾

Beatriz Costa ⁽²⁾

Vivian Delfino Motta ⁽³⁾

Resumo. A educação ambiental é um tema transversal e passa por um amadurecimento. Não basta usar a natureza como recurso para a processo educacional: é preciso entender o meio e saber se relacionar com ele de forma sustentável. Esse processo está sendo discutido de forma ampla dentro da educação formal. Várias metodologias vêm sendo apresentadas, mas encontrar métodos de educação ambiental voltados para os deficientes é mais difícil. Mesmo dentro desse universo, há trabalhos ligados com a questão da deficiência intelectual, mas pouco se lê sobre as metodologias de educação ambiental voltadas para a comunidade surda. Este artigo é resultado de um projeto de extensão e visa discutir as necessidades e propostas de educação ambiental que o universo acadêmico tem apresentados para os deficientes auditivos.

Palavras-chave: Educação ambiental; deficientes auditivos; inclusão social.

Abstract. Environmental education is a crosscutting theme and undergoes a maturing period. We cannot just use nature as a resource to the educational process: we need to understand environments and learn how to interact with them in a sustainable way. This process has been discussed widely within the formal education. Various methodologies have been presented, but finding methods of environmental education aimed at the disabled is a more difficult task. Even within such universe, there are works related to the issue of intellectual disability, but few writings are found on methodologies for environmental education aimed at the deaf community. This article is the result of an extension project and aims to discuss the needs and proposals for environmental education that the academic world has presented for hearing impaired people.

Keywords: Environmental education; hearing impaired; social inclusion.

⁽¹⁾ Discente do curso Tecnólogo em Gestão Ambiental (IFSP campus São Roque); Docente do sistema SESI de ensino; Especialista em biologia marinha com ênfase em crustáceos de profundidade, E-mail: es.dias@yahoo.com.br

⁽²⁾ Discente de pedagogia; Discente de pós graduação em libras; Docente da rede pública municipal de São Roque, SP.

⁽³⁾ Docente do Instituto Federal de São Paulo campus São Roque; Especialista em Gestão Pública, Mestranda em Agroecologia e Desenvolvimento Rural pela UFSCar.

(Recebido em: 15 set. 2014; aceito em: 13 out. 2014; publicado em: 31 out. 2014).

1 Introdução

A educação ambiental tem como forte apelo mostrar o conhecimento auxiliar que próximas gerações tenham condições de habitabilidade prática e intelectual. Para isso, devemos considerar a herança de modelos tecnológicos que estabeleçam essa dinâmica de aprendizagem entre os elementos homem e natureza em um relacionamento mutualístico. A problemática da sustentabilidade assume um papel central na reflexão em torno das dimensões socioeconômicas e ambientais do desenvolvimento e das alternativas que se configuram (REIGOTA, 2009).

Não basta preparar o indivíduo para transformar a natureza e o meio em benefício da sua espécie. É necessário entender a dinâmica do meio ambiente e se sentir parte desse meio. A educação ambiental visa despertar esse olhar, sempre considerando a realidade cultural e social desse aluno. Para os deficientes, essa educação deve apresentar metodologias próprias que possam aproximar as grandes questões ambientais do seu cotidiano.

Este envolvimento não se estabelece de fácil articulação e nem em curto prazo, mas ao longo de um processo de práticas contínuas de ensino-aprendizagem. Deve-se envolver não só profissionais da educação, mas também todos os demais profissionais e sociedade como um todo. Por trás desta ideia

está o desenvolvimento de práticas que valorizem a cooperação, dinâmica de grupo, trabalho em grupo, igualdade de direitos, autonomia, democracia e participação, para que se torne um processo de treinamento concomitante que envolva a todos. De fato e de forma significativa cria-se um ambiente mais democrático, onde cada um será estimulado a contribuir, visando a trabalhar as dificuldades e áreas individuais em que o aluno mais se destaca. É preciso notar que a surdez traz outros olhares e sensações para os deficientes, diferentes das sensações que os ouvintes têm.

Muitas das dificuldades do desenvolvimento de uma metodologia própria vêm do descrédito dos profissionais da educação quanto a linguagem de sinais. É interessante observar que nas experiências mais avançadas relatadas pelas escolas que atendem a surdos, a resistência que ainda persiste em relação à língua de sinais está relacionada com a interação científica. Os profissionais não acreditam que através da língua de sinais seja, de fato, possível discutir os avanços científicos e tecnológicos que cabem à escola trabalhar. Assim, delega-se à escrita o papel de assumir tal função. Mais uma vez, perpassa-se a sobreposição do português (língua da maioria) à língua de sinais, como aconteceu ao longo da história da educação de surdos (ALBRES, 2005). No entanto, essa situação reflete muito mais uma realidade relacionada com o ensino da língua portuguesa no ensino regular que não deixa de ser frassado da mesma forma, observando-se, é claro, suas peculiaridades.

Um ambiente propício para discutir questões ambientais é o escolar, em que ocorrem atividades práticas ou teóricas relacionadas ao ensino-aprendizagem e ligados à agroecologia. A reutilização de materiais recicláveis e desenvolvimento e manutenção de hortas suspensas (vertical ou horizontal), aproveitando poucos espaços, é uma das formas mais utilizadas recentemente pelos profissionais da área, já que na maioria das vezes promovem a poluição em nível de solo e também de saúde pública.

O conceito de educação ambiental não pode se configurar em apenas uma definição, portanto sendo pluridimensional em múltiplas abordagens, por possuir vários caminhos e elementos importantes para uma relação mútua entre ser humano e natureza. Mesmo a educação ambiental possuindo uma multiplicidade de conceitos, práticas e metodologias, é possível haver uma interação entre essas diversas abordagens, considerando a educação ambiental como crítica, na busca de uma compreensão entre as inter-relações sociedade/natureza, com a alternativa de uma interferência nos conflitos ambientais, motivando uma solução mais ética dos problemas ambientais.

Garrafas PET que são jogadas nos rios, riachos, praças e vias públicas (servindo inclusive como abrigo para algumas espécies de roedores e outros animais vetores de doenças) podem ser utilizadas para outros propósito. Quando reutilizado, esse material apresenta-se como importante aliado à conservação de um ambiente limpo e saudável.

Assim, é preciso realmente discutir os avanços relacionados com a formação dos profissionais para, então, trabalhar o desenvolvimento de métodos próprios de educação ambiental voltados para esse público. Na tentativa de levantar esse debate, o projeto em que se baseou este artigo visa a discutir a educação ambiental a partir de um objeto concreto: lixo e seu reuso. E, para justificar esse reuso com um alto grau de compreensão, utilizamos as hortas verticais, uma vez que essas produzem alimentos a partir da valorização dos materiais que anteriormente poderiam ser considerados lixo. Neste contexto, a discussão de educação ambiental amplia-se para a discussão sobre descarte do lixo, efeitos da poluição, formas de produção de alimentos, efeitos dos sistemas agrícolas sobre o meio ambiente, alimentação saudável, polinizadores, uso racional da água, poluição do solo e por aí vai. É possível, a partir da visualização das hortas, incentivar o debate de diversos assuntos.

2 Materiais e métodos

A revisão de literatura foi o método escolhido para a elaboração deste artigo. Muitos autores têm trabalhos de referência dentro da discussão de metodologias de aprendizagem destinadas para a comunidade surda. Assim, elegemos como fontes primárias e objetos de análise os documentos oficiais que foram construídos para direcionar a educação de surdos em âmbito Federal, quais sejam: Brasil (1979), Brasil (1997) e Brasil (2003).

Também foram realizadas pesquisas para a verificação de trabalhos que unissem as metodologias de ensino para surdos com a discussão da questão ambiental.

3 Resultados

Os documentos apresentados trabalharam práticas similares dentro do ambiente pedagógico, estabelecendo e aprimorando dinâmicas de ecodesenvolvimento para inclusão de crianças e jovens especiais, considerando a importância dos temas transversais. Contudo, é importante citar que a pesquisa não informou a descrição de uma metodologia específica de educação ambiental voltada a deficientes auditivos, enfatizando o envolvimento da comunidade surda para com as discussões que ocorrem no ambiente escolar. Sendo assim, este processo requer determinado tempo para adaptação acerca da aprendizagem das técnicas, com aulas dinâmicas, práticas e teóricas com alunos e familiares.

Durante a pesquisa, foram encontrados poucos trabalhos específicos de educação ambiental para surdos. Muitos trabalhos tratam do ecodesenvolvimento para crianças com deficiência. Os autores relatam que familiares e professores observaram um impacto interessante em seus costumes e interesses em relação às plantas, alimentação e higiene, levando para suas residências, onde começaram a adquirir hábitos de limpeza da casa e higiene pessoal, e no centro e bairros de onde moram, apanhando as folhas secas das plantas e colocando próximo ao caule da mesma para servir como adubo, reciclagem de plástico, papel e resíduos da cozinha, e principalmente seu rendimento em sala de aula com mais afeto de companheirismo com o próximo e cooperativismo, logo mostrando a eficiência de um trabalho bem feito pela equipe envolvida (ROCHA & REIS, 2009).

A escola é o espaço social e o local onde o estudante dará sequência ao seu processo de socialização. O que nela se faz, se diz e se valoriza representa um exemplo daquilo que a sociedade deseja e aprova. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis (FREITAS, 2011). Com base nisto, Mrech (2014) trata da escola inclusiva como propiciadora da ampliação do acesso dos alunos a sala de aula, a capacitação dos professores, lembrando que toda criança tem seu desenvolvimento característico que não a torna mentalmente incapaz.

Dentro dos objetivos tratados na Carta de Belgrado, vemos que a Educação Ambiental é o tipo de temática transversal e inclusiva, seja social ou escolar, e que objetiva realmente formar o cidadão para ações futuras. Com isso, vemos a estrita necessidade de não somente incluir, mas fazer valer o que vem a ser falado como Educação Ambiental e Educação de Surdos.

O resultado de uma sociedade justa é a construção de uma consciência ambiental inclusiva reconhecendo e respeitando as diferenças, assumindo, assim, LIBRAS um grande papel na comunicação e viabilizando toda comunicação e interação, instituindo, ainda, a personalidade do indivíduo. LIBRAS é a língua principal para os surdos; por que não respeitar isso e tornar mais fácil a interação social da comunidade surda em geral? Curricularizar LIBRAS não é tão somente importante como necessário, assim como Educação Ambiental.

4 Considerações finais

O artigo identificou a ausência de materiais específicos para a discussão da educação ambiental para surdos, e o entendimento de quão esse aspecto é importante para que se avance na discussão ambiental dentro do todo o espectro social. Com base nos materiais utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, houve o fomento de diversas discussões dentro do Núcleo de Estudos em Meio Ambiente do Instituto Federal de São Paulo, campus São Roque, culminando na aprovação de um projeto para a realização de momentos que pudessem contribuir com a proposta de uma metodologia de ensino da educação ambiental para a comunidade surda.

Assim, a partir da horta vertical, iremos (juntamente com demais professores e discentes) realizar uma oficina piloto que possa nos ajudar a testar uma metodologia pensada teoricamente na prática, com a participação de deficientes com surdez profunda e professores voluntários com domínio em

LIBRAS. Iremos dialogar acerca dos diversos aspectos que a horta vertical criada a partir de materiais recicláveis pode levantar, sempre respeitando e valorizando as especificidades da relação do surdos com o meio ambiente.

Referências

ALBRES, N. A. *Educação para surdos no Brasil no final da década de 70 até 2005*: análise de documentos referenciadores. Dissertação de mestrado. Campo Grande: UFMS, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Centro Nacional de Educação Especial – CENESP. *Proposta curricular para deficientes auditivos*. Brasília, DF: MEC, 1979.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. *Educação de surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à educação de Surdos. *A educação dos surdos: Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: MEC/SEESP, 2003 (2 vol.).

FREITAS C. E. Educação Ambiental: Construindo cidadania, 2011. Disponível em: <<http://www.cened cursos.com.br/educacao-ambiental-construindo-cidadania.html>>; acesso em: 25 ago. 2014.

MRECH, L. M. *O que é educação inclusiva?*, 2014. Disponível em: <<http://www.inclusao.com.br/>>; acesso em: 27 ago. 2014.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROCHA, G. Y; REIS, L. S. *O ecodesenvolvimento promove a inclusão de crianças e jovens especiais*. Alagoas: s.ed., 2009.

Como citar este artigo científico (revisão)

DIAS, E.; COSTA, B.; MOTTA, V. D. Metodologia de educação ambiental para deficientes auditivos: um processo de inclusão. *Scientia Vitae*, v.2, n.6, ano 2, out. 2014, p. 51-54. Disponível em: <www.revistaifpsr.com/>; acesso em: __/__/__.